

30/01/2017 16:31

Comunidade convive com enchentes há 50 anos

DIÁRIO esteve no lugar afetado por cheia em 1967. Situação permanece igual

Por: Fernando Granato

fernando.granato@diariosp.com.br



Amâncio (direita) com a mulher Rosimeire e um casal de amigos na enchente / Fotos: Nico Nemer/DiárioSP

Cinquenta anos e 19 prefeitos depois, a capital paulista continua enfrentando problemas de enchentes no verão. Manchete do "Diário Popular" (antecessor do "Diário de S. Paulo") de 23 de janeiro de 1967 informava: "Enchente provoca mortes e destruição em São Paulo".

A matéria dizia que quatro pessoas tinham morrido em função das fortes chuvas que caíram na madrugada anterior. A região mais afetada era a Zona Sul, principalmente o bairro de Colonia, em Parelheiros.

Na semana passada, a reportagem visitou Colonia e verificou que o problema permanece na zona rural. O feirante Ronnie de Souza Amâncio, de 39 anos, disse que mora há 30 na área rural do bairro e enfrenta há três décadas as cheias.

“Toda vez que chove muito o Ribeirão Vermelho transborda”, contou. “A saída do ribeirão está muito suja e fica entupida. Não há vazão e a água transborda por toda região.” Quando a chuva é muito forte, explicou Amâncio, a água toma a estrada e impede a passagem de carros. “Ninguém entra nem sai”, disse. “Ficamos ilhados.”

Na estrada que liga o bairro ao centro de Parelheiros também há um trecho que costuma encher, próximo à entrada para o bairro de Vargem Grande.

“São problemas crônicos da nossa cidade”, disse o comerciante Herbert Lima, de 28 anos. “A gente acostuma e vive com isso todo verão.”

Em janeiro do ano passado, reportagem do DIÁRIO dizia que o esperado para aquele mês era que chovesse 259,1 mm. Em Parelheiros, só no dia 11, havia chovido 104,6 mm. Neste ano foi ainda pior.

Nas redes sociais, vídeos postados por moradores mostram o drama de moradores de Parelheiros com enchentes. Um deles, postado em 2 de março de 2016, diz: “O dia em que Parelheiros parou”. As imagens mostram ruas alagadas e pessoas ilhadas.

Além das enchentes, moradores de algumas regiões de Parelheiros usam água contaminada retirada de minas para realizar tarefas do dia a dia. Em muitas áreas do bairro o governo aguarda licenças ambientais para iniciar a obra de saneamento.

No quintal da casa de Amâncio há um poço de onde a família retira a água que utiliza. Na última quinta-feira, além de enfrentar as águas do Ribeirão Vermelho que havia transbordado, Amâncio, sua mulher Rosimeire e um casal de amigos tentavam consertar uma bomba para retirar água do poço no quintal.

“Estamos rodeados de água suja do ribeirão que vazou, mas não temos água para beber”, disse Amâncio. “Sem a bomba, não conseguimos puxar a água para consumo.”



Habitações precárias sofrem com as enchentes

Amâncio disse que a água do ribeirão seria contaminada pelo esgoto de um CDP (Centro de Detenção Provisório) da região.

Gestão negocia contratos com verba do PAC

A Prefeitura de São Paulo disse ter várias obras e projetos antiinchente na Zona Sul de São Paulo, mas que os contratos precisam ser revistos pela nova administração porque muitos deles dependem de verba federal.

“A Secretaria Municipal de Serviços e Obras informa que os contratos com o governo federal para execução das obras precisam ser ajustados, em função dos recursos disponíveis no orçamento federal”, afirmou.

“As negociações estão em andamento e, somente após concluídas, as obras poderão ser executadas na Zona Sul.”

Entre essas obras, com recursos do PAC (Programa de Aceleração do Crescimento), a Prefeitura mencionou a canalização dos córregos do Cordeiro, Zavuvus, dos Brancos, Ipiranga e a construção de dois piscinões.

A nova gestão citou ainda a canalização dos córregos Ponte Baixa e Paraguai/Éguas.

Já com recursos da Prefeitura e da Operação Urbana Água Espreada, estão em obras a construção de um piscinão e canalização de 360 metros do córrego do Cordeiro. “As obras de canalização do córrego estão em andamento”, disse a Prefeitura.

Moradores convivem com deslizamentos

Foi por pouco. O desempregado Francisco Davi, de 42 anos, estava almoçando com a família no dia 16 de fevereiro do ano passado quando o terreno onde está erguida sua casa, no Jardim Iporã, em Parelheiros, cedeu e começou a descer barranco abaixo.

“Foi um barulho de uma explosão”, contou Davi. “Só deu tempo de sair e deixar tudo em casa para a água levar.”

Por sorte, a terra deslizou até alguns centímetros da casa, que ficou intacta, apenas com algumas rachaduras. “Mesmo assim, a Defesa Civil chegou e mandou a gente sair, junto com os moradores de outras quatro casas vizinhas”, disse.

O desempregado disse que como não tinha onde ficar com a família, acabou voltando um mês depois para o mesmo imóvel. “Fizemos uma espécie de cooperativa entre os moradores e arrumamos o estrago das chuvas”, disse. “Gastamos R\$ 8 mil para fazer uma espécie de um muro de arrimo. Com isso acho que ficamos mais seguros por aqui na época de chuva.”

Mesmo assim, Davi disse que quando chegam as tempestades não dá para dormir sossegado. “Dormimos com um olho aberto e o outro fechado”, afirmou. “Daquela vez sobrevivemos por um milagre.”

Uma vizinha, que não quis se identificar, disse que todos ali têm medo da Defesa Civil voltar a tirar os moradores daquelas casas. “A gente está aqui porque não tem para onde ir”, afirmou. “É claro que gostaríamos de morar num lugar melhor, mais seguro, mas enquanto não temos condições temos que ficar aqui mesmo.”

Essa moradora, que tem um bar na parte superior do terreno, disse que quando chove muito vai com a família para lá afim de se proteger. “Já virou uma rotina”, disse.

Segundo dados da Rede Nossa São Paulo, de 2015, 10,84% das moradias de Parelheiros estão em habitações precárias, como as de Davi e seu vizinhos. A região tem muitas ocupações em áreas de manancial e reservas ambientais.

Análise: Julio Cerqueira Cesar Neto, engenheiro hidráulico

Só fizeram piscinões e isso não resolve

A política de enfrentamento das enchentes em São Paulo está equivocada há pelo menos 22 anos. Isso porque em 1995 foi construído o primeiro piscinão, no Pacaembu (Zona Oeste), e de lá para cá só este tipo de recurso foi utilizado. Criou-se uma convicção de que o problema de enchente se resolve com piscinões. Mas isso é um equívoco. Depois disso nunca mais foram alargadas as vazões dos canais. Foram feitos uns 70 piscinões e o problema continua. O resultado é o que se vê todo ano.